

Do Brasil a Portugal: O Consumo do Funk pela Juventude Negra¹

Suellen Yasmin Xavier de Souza²

Tarcisio Torres Silva³

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender o consumo da cultura periférica brasileira, com ênfase no funk, por jovens negros portugueses e imigrantes residentes em Portugal. Considerando a crescente difusão do funk nas redes sociais e como esse processo é impulsionado por influenciadores digitais, analisamos como essa manifestação cultural é apropriada e ressignificada dentro das expressões dessas juventudes. A pesquisa se fundamenta em estudos sobre juventude e cultura, e adota como metodologia revisão bibliográfica e pesquisa de campo com artistas, produtores e consumidores do gênero em associações e eventos culturais no país. Concluímos que os jovens periféricos transformam o funk, outros ritmos e a fusão dessas referências em elementos centrais para socialização e afirmação identitária, dinâmica que coexiste com consumos meramente recreativos em território português.

PALAVRAS-CHAVE: cultura periférica; funk; juventude negra; Portugal.

INTRODUÇÃO

*“Funk na caixa é o que pede paz,
Balança a favela e faz mudar de vida”⁴.*

A cultura periférica brasileira, especialmente o funk, tem se consolidado como um dos fenômenos musicais e culturais do Brasil e do mundo. O funk brasileiro, que nasceu nas periferias cariocas por meio de referências musicais negras norte-americanas, se desenvolveu ao longo dos anos para se tornar um símbolo de resistência cultural e uma forma de expressão das realidades de jovens das periferias brasileiras (Faria, 2018).

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Mídia e Práticas Socioculturais, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Graduanda em Publicidade e Propaganda na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Bolsista FAPESP de Iniciação Científica (processo 2023/07108-3) e investigadora visitante do Instituto Universitário de Lisboa (processo 2024/16867-8). E-mail: suellen.yxs@puccampinas.edu.br.

³ Doutor em Artes Visuais. Professor pesquisador da Escola de Linguagem e Comunicação na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. E-mail: tarcisio.silva@puc-campinas.edu.br.

⁴ Trecho da música “Funk Superação” (MC HARIEL, 2024).

Sua circulação global tem sido impulsionada tanto pelo fluxo migratório de brasileiros quanto por plataformas digitais como o YouTube, o TikTok e o Instagram, que permitem que o gênero ultrapasse fronteiras e chegue a uma audiência internacional, principalmente entre as juventudes afora. Não apenas suas sonoridades transitam entre os países, mas também a produção imagética proveniente do gênero, “que ajuda a difundir tanto as músicas quanto as narrativas visuais e os estilos de vida que são parte delas” (Faria, 2015, p. 77).

Em Portugal, o consumo da cultura periférica brasileira, que possui influências culturais diversas em seu universo, ocorre de maneira particularmente marcante. As juventudes portuguesas em geral, no contexto da globalização e da crescente influência das plataformas digitais, têm se apropriado do funk, ampliando o seu alcance e inserindo-o em um cenário mais amplo de consumo cultural (Rocha, 2023). Essa apropriação ocorre entre jovens de diversos contextos sociais, que encontram produtos culturais atrativos no gênero.

Em particular, a comunidade de jovens negros, frequentemente imersa em contextos sociais e raciais semelhantes aos dos jovens das periferias brasileiras (Roldão *et al.*, 2019), tem encontrado nas expressões artísticas do Brasil uma forma de identificação e, ao mesmo tempo, uma maneira de contestar as normas culturais e sociais predominantes no país, reforçando a perspectiva racial que essa cultura carrega.

Nesse contexto, o objetivo desta pesquisa é investigar de que maneira a juventude negra em Portugal consome e ressignifica o funk. O trabalho busca entender como esses jovens utilizam o gênero como uma ferramenta de resistência e afirmação de identidade, enquanto refletem sobre suas experiências nas periferias de Lisboa e, possivelmente, de outras cidades portuguesas.

METODOLOGIA

A escolha metodológica que conduz nossa perspectiva analítica se fundamenta em duas etapas principais: revisão bibliográfica e pesquisa de campo.

A revisão bibliográfica foi estruturada a partir de autores que discutem as relações de raça, juventude, cultura e território, com o objetivo de refletir sobre a relevância da cultura periférica como um mecanismo de afirmação de identidade e contestação das iniquidades sociais. A análise das intersecções entre as influências culturais

transnacionais e as dinâmicas locais permitiu situar o funk como uma forma de expressão que transcende fronteiras e se reinventa em contextos como o português.

Quanto à pesquisa de campo, foi adotada a metodologia de observação participante, com o objetivo de observar de perto as práticas culturais relacionadas ao funk. A abordagem implica na presença do pesquisador no contexto estudado, compartilhando das atividades do grupo e se envolvendo nas práticas e experiências do contexto investigado. Esse método permite ao pesquisador “assumir o papel do outro”, compreendendo o sentido das ações e dinâmicas do grupo de dentro (Peruzzo, 2005), o que é essencial para entender as vivências e o consumo do funk por essa juventude.

A pesquisa foi realizada em Lisboa, capital de Portugal, com artistas, produtores e consumidores do gênero, por meio do contato com indivíduos em associações, como o *Moinho da Juventude*, e em eventos culturais dedicados ao funk no país. A observação ocorreu tanto em periferias quanto em áreas centrais, incluindo locais turísticos, considerando uma visão ampla das dinâmicas do gênero em diferentes contextos da cidade.

RESULTADOS

Desde os anos 1970, o funk tem se consolidado como uma das manifestações culturais mais importantes entre as juventudes das classes populares no Brasil. Nos últimos anos, o gênero tem conquistado cada vez mais espaço, alcançando notoriedade além das fronteiras nacionais. Como apontou a revista britânica *The Economist*, o funk brasileiro pode se tornar o próximo grande fenômeno global diante de sua ascensão internacional (Pandeló, 2025).

O crescimento do gênero tem sido impulsionado pelas novas tecnologias e plataformas digitais, que facilitam tanto a produção quanto a difusão de suas sonoridades. Para Almeida e Held (2019), espaços como os *streamings* de música e as redes sociais têm desempenhado um papel importante nesse processo, permitindo que o funk deixe de ser visto apenas como um movimento marginalizado para se tornar uma ferramenta de empoderamento e visibilidade para minorias. O mapa de consumo no Spotify apresentado pelas autoras revela que o gênero já possui fortes núcleos de audiência em outros países, especialmente em Portugal e na Espanha.

No território português, esse consumo já se manifesta em plataformas como o TikTok, por meio de influenciadoras como Karen Serena (@karensereena) e Suzana Rodrigues (@suzanna_officiall), imigrantes africanas em Portugal que compartilham conteúdos com músicas e danças do funk brasileiro.

O consumo do funk pela juventude negra em Portugal, no entanto, vai além do ambiente digital e se materializa em espaços físicos, como nas chamadas discotecas africanas no país (Faria, 2018). Como destaca Frank Marcon (2013, p. 79), “ouvir estilos de música como funaná, coladeira, quizomba, semba, kuduro, mas também samba, funk e flamenco, entre outros, é uma experiência comum que remete ao repertório musical reproduzido nos espaços sociais de convívio da imigração africana”.

A observação *in situ*, em diferentes espaços de sociabilidade dessa juventude, revelou que esse consumo se manifesta em diversos espaços da capital portuguesa, tanto nos grandes centros, repletos de locais turísticos, quanto nas periferias da cidade, onde circulam diversas referências da diáspora africana. O apreço por gêneros musicais eletrônicos, como o funk, pode ser identificado tanto como uma forma de lazer e descontração quanto como um instrumento de resistência para grupos minorizados, como a comunidade negra e LGBTQIA+.

Os gêneros eletrônicos têm sido constantemente produzidos, compartilhados, adaptados e ressignificados através do ciberespaço e da interação em escolas, festas e locais de lazer nos espaços urbanos (Raposo, Marcon, 2021). Nas áreas periféricas, os jovens transformam esses ritmos e a fusão de diferentes influências em elementos centrais para socialização, afirmação identitária e atuação política não institucionalizada.

Segundo Aderaldo e Raposo (2016), longe de representar a perda de suas próprias referências, os jovens afrodescendentes portugueses combinam tradições herdadas dos locais de origem de seus familiares com influências portuguesas e globais. Esse processo de adaptação, marcado pela presença de distintas culturas negras, reflete novas possibilidades de expressão criativa, em uma tentativa de subverter as dinâmicas de segregação urbana, racismo e pobreza por meio de suas produções, consumos e práticas culturais. Para os autores,

esta “periferia” transnacional, por sua vez, vem possibilitando a organização de projetos que se convertem em deslocamentos e trocas materiais e simbólicas capazes de influenciar significativamente as práticas dos sujeitos privilegiados

pela investigação, sem que os mesmos percam suas identidades e vínculos originários (Aderaldo, Raposo, 2016, p. 282).

Nesse sentido, as trocas culturais, e especificamente musicais, entre as periferias brasileiras e portuguesas já são amplamente reconhecidas. O funk, por sua vez, é um gênero que, embora não tão novo, tem atraído a atenção das juventudes negras periféricas, devido à sua capacidade de refletir as dinâmicas próprias desses jovens e gerar intercâmbios de conhecimentos e experiências sobre o espaço urbano.

O funk, junto com o rap, o afro-house, o kuduro, o afrobeat e outros ritmos, tem sido utilizado como uma ferramenta por uma juventude que busca dar visibilidade às suas vivências e aos seus territórios, utilizando a criatividade artística e uma mescla de referências que atravessam países e constituem o circuito musical da diáspora africana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura periférica brasileira como um todo, desde o funk até o hip-hop, constitui um importante instrumento artístico de expressão e resistência. Essas manifestações denunciam a condição subalterna à qual jovens negros e/ou moradores de periferias são frequentemente relegados, mas também desconstruem representações hegemônicas sobre suas vivências, oferecendo novas perspectivas sobre suas identidades e territórios.

A crescente mobilização de referências culturais distintas dentro dessas expressões fortalece a visibilidade de diversas juventudes, especialmente as negras, permitindo que elas se manifestem de forma autêntica enquanto resistem às dinâmicas de marginalização. Nesse contexto, a dimensão transnacional dessas práticas viabiliza um intercâmbio criativo entre indivíduos que consomem, adaptam e ressignificam esses referenciais, contribuindo para o fortalecimento do orgulho e da autovalorização desses jovens (Castellano, Raposo, 2020).

Dessa forma, o funk emerge como uma expressão cultural que possibilita a identificação com narrativas de resistência e coletividade, mas também pode gerar um interesse puramente estético e/ou musical, sem necessariamente estar vinculado a uma dimensão politizada. Sua difusão transnacional marca a complexidade dos significados que o gênero pode assumir, dependendo do contexto e da experiência de quem o consome.

Além disso, o funk se insere em um cenário mais amplo de fenômenos culturais, como o crescimento do *brazilcore* – tendência em que indivíduos estrangeiros se

apropriam da estética brasileira, especialmente aquela associada às periferias do país (Santana, Fernandes, 2022) – e a marginalização do gênero e de seus artistas. Apesar de sua popularidade, o funk e os funkeiros foram socialmente associados à violência, criminalidade e promiscuidade, ainda que essa produção musical alcance as elites e espaços antes restritos (Arruda *et al.*, 2010).

Diante dessa multiplicidade de perspectivas, este trabalho não pretende esgotar as discussões sobre o tema. Pelo contrário, reconhece que o consumo desse gênero musical envolve dinâmicas diversas, nas quais diferentes públicos interagem com o funk por variados motivos, o que indica que dimensões raciais, socioeconômicas, territoriais e outras podem ser reforçadas ou ignoradas conforme o contexto.

REFERÊNCIAS

ADERALDO, G.; RAPOSO, O. Deslocando fronteiras: notas sobre intervenções estéticas, economia cultural e mobilidade juvenil em áreas periféricas de São Paulo e Lisboa. **Horizontes Antropológicos**, v. 22, n. 45, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/3p9TLysCJY8gmXjQDGKVVtB/>. Acesso em: 05 jan. 2025.

ALMEIDA, C.; HELD, M. As novas narrativas do funk: o streaming, a internet e a moda. **Mediação**, v. 21, n. 28, 2019. Disponível em: <https://revista.fumec.br/index.php/mediacao/article/view/6960>. Acesso em: 10 fev. 2025.

ARRUDA, A. *et al.* De pivete a funkeiro: genealogia de uma alteridade. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 140, 2010. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/169>. Acesso em: 05 mar. 2025.

CASTELLANO, C.; RAPOSO, O. Bottom-up creativity and insurgent citizenship in “Afro Lisboa”: racial difference and cultural commodification in Portugal. **Cultural Dynamics**, v. 32, n. 4, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0921374020949057>. Acesso em: 05 jan. 2025.

FARIA, D. Da favela para o mundo: articulações entre o local e o global no funk brasileiro. **Brasiliana: Journal for Brazilian Studies**, v. 4, n. 1, 2015. Disponível em: <https://tidsskrift.dk/bras/article/view/20657>. Acesso em: 15 jan. 2025.

FARIA, D. Narrativas musicais contemporâneas entre o local e o global: os casos do funk brasileiro e do kuduro angolano. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 7, n. 1, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/cadernosaa.1371>. Acesso em: 10 jan. 2025.

MARCON, F. O kuduro como expressão da juventude em Portugal: estilos de vida e processos de identificação. **Sociedade e Estado**, v. 28, n. 1, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/ssqPTGTF9KjTMJMGMwNSYbr/>. Acesso em: 19 jan. 2025.

MC HARIEL. **Funk Superação (Ao Vivo)**. YouTube, 29 ago. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HTHRUXk4gp8>. Acesso em: 20 mar. 2025.

PANDELÓ, N. The Economist aponta o funk brasileiro como próximo fenômeno global; especialistas analisam o potencial. **Mundo da Música**, 13 mar. 2025. Disponível em: <https://mundodamusica.com.br/the-economist-funk/>. Acesso em: 14 mar. 2025.

PERUZZO, C. Observação participante e pesquisa-ação. *In*: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

RAPOSO, O.; MARCON, F. The black beat of Lisbon: sociabilities, music and resistances. *In*: CAMPOS, R.; NOFRE, J. (orgs). **Exploring Ibero-American Youth Cultures in the 21st Century**. Cham: Palgrave Macmillan, 2021.

ROCHA, I. Funk brasileiro a dominar os tops em Portugal? #ComoAssim. **Público**, 23 nov. 2023. Disponível em: <https://www.publico.pt/2023/11/23/culturaipsilon/noticia/funk-brasileiro-dominar-tops-portugal-comoassim-2071235>. Acesso em: 09 set. 2024.

ROLDÃO, C. *et al.* Negro drama: racismo, segregação e violência policial nas periferias de Lisboa. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 119, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/rccs.8937>. Acesso em: 08 jan. 2025.

SANTANA, E.; FERNANDES, M. Brasilcore e o pertencimento da camiseta da seleção brasileira nas periferias. **Agência Mural**, 25 nov. 2022. Disponível em: <https://agenciamural.org.br/brasilcore-e-o-pertencimento-da-camiseta-da-selecao-brasileira-nas-periferias/>. Acesso em: 28 fev. 2025.